

COMUNIDADE GESTÁLTICA - CLÍNICA E ESCOLA DE PSICOTERAPIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

AMÉLIA DE OLIVEIRA JUNKES

A RELAÇÃO TERAPEUTICA SOB A ÓTICA DA  
GESTALT-TERAPIA

FLORIANÓPOLIS

2008

AMÉLIA DE OLIVEIRA JUNKES

A RELAÇÃO TERAPEUTICA SOB A ÓTICA DA  
GESTALT-TERAPIA

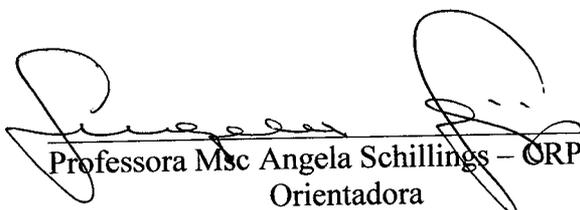
Monografia apresentada a Comunidade Gestáltica - Clínica e Escola de Psicoterapia, como requisito à obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica, sob a orientação da Professora Msc. Angela Schillings.

FLORIANÓPOLIS

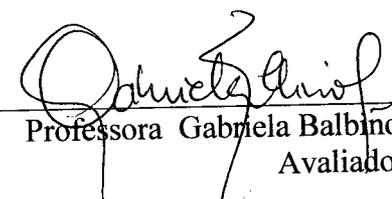
2008

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestalt-Terapia do Comunidade Gestáltica - Clínica e Escola de Psicoterapia para obtenção do Título de Especialista em Psicologia Clínica e aprovada pelas seguintes professoras:

  
\_\_\_\_\_  
Professora Msc Angela Schillings – CRP 12/00080  
Orientadora

Conceito B+

  
\_\_\_\_\_  
Professora Gabriela Balbinot – CRP 12/02856  
Avaliadora

Conceito B+

\_\_\_\_\_  
Amélia de Oliveira Junkes

## AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente do curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto Gestalten, pelos ensinamentos e incentivo nesta caminhada;

As colegas de curso, pela amizade, companheirismo e contribuição no decorrer de nossa formação;

À Professora Ms *Angela Schillings*, a quem ao longo da convivência aprendi a admirar pela espontaneidade, seu brilhante profissionalismo e sensibilidade, sua capacidade empática no relacionamento com as pessoas, fazendo, assim, a sua expressiva diferença.

“Nós não existe, mas é composto de Eu e Tu; é uma fronteira sempre móvel onde duas pessoas se encontram. E quando há encontro, então eu me transformo e você também se transforma”.

(Perls, 1977)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>1 UM OLHAR SOBRE A GESTAL-TERAPIA</b> .....	8
1.1 PANORAMA HISTÓRICO DA GESTAL-TERAPIA.....	8
1.2 EXISTENCIALISMO, FENOMENOLOGIA E A GESTAL-TERAPIA.....	11
1.3 PREMISSAS BÁSICAS DA GESTALT-TERAPIA.....	12
1.3.1 O Organismo como um Todo .....	12
1.3.2 Ênfase no Aqui e Agora .....	13
1.3.3 Utilização do Como sobre o Porquê.....	14
1.3.4 A Conscientização.....	14
<b>2 A GESTALT-TERAPIA E O SER TERAPEUTA</b> .....	16
2.1 ATITUDE FENOMENOLÓGICA DA PRÁTICA CLÍNICA .....	16
2.2 O DIAGNÓSTICO EM GESTALT-TERAPIA.....	20
2.3 O FUNCIONAMENTO NÃO SAUDÁVEL E A INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA ....	22
2.4 AS POSSIBILIDADE NA PSICOTERAPIA GESTÁLTICA.....	27
2.5 A CRIATIVIDADE NO PROCESSO TERAPÊUTICO .....	29
2.6 QUESTÕES ÉTICAS NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA.....	32
<b>3 O GESTALT-TERAPEUTA E O MITO DO CURADOR FERIDO</b> .....	34
3.1 A POSTURA DIALÓGICA E O ENCONTRO TERAPÊUTICO .....	35
3.2 A RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA GESTAL-TERAPIA.....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea encontra-se em crise, a condição humana parece mergulhar em um vazio existencial. As pessoas apresentam-se cada vez mais sozinhas e isoladas, com dificuldades emocionais e sem saber, muitas vezes, qual o caminho a seguir. A competitividade, os desafetos, a exclusão social, o desrespeito às diferenças individuais, é neste cenário que cada vez mais se desenvolve a psicologia de um modo geral e Gestal-terapia em particular.

Neste contexto, ser terapeuta não é tarefa fácil, requer um maior respeito às diferenças e necessidades individuais que está ligada ao equilíbrio interno do terapeuta e principalmente, na relação terapêutica estabelecida com o seu cliente.

A Gestal-terapia nasceu da dissidência de Perls da psicanálise, onde buscou diversos referenciais teóricos para criar a sua própria teoria, ou seja, uma abordagem psicológica com base fenomenológico-existenciais que modificasse a forma de compreender o homem e sua existência no mundo. Ele ressalta a necessidade de descrever o fenômeno psicológico do homem como uma totalidade percebida ou sentido corporalmente e como este é vivido no aqui e agora.

Perls afirmava que o encontro do terapeuta com um paciente, constitui um encontro existencial entre duas pessoas e não apenas o clássico relacionamento médico-paciente.

Assim, a formação de um gestalt-terapeuta é um processo intenso. Passa por um desenvolvimento tanto teórico como pessoal e, como o desenvolvimento da vida, nunca está acabado. No processo de sua formação irá aprimorando um processo de auto- construção tanto pessoal como profissional, no qual a pessoa aprende a ser ela mesma, isto é, se apropria de sua forma, das suas características e habilidades desenvolvidas na relação que se estabelece com seu cliente.

Para Ginger (2007) a relação terapêutica proporciona um contato autêntico com o outro, favorece um ajustamento criativo do organismo com o meio, como também a tomada de consciência dos mecanismos internos que nos impossibilitam o ajustamento saudável por processos de interrupção, bloqueios, medos que muitas vezes aprisionam o cliente impedindo o seu desenvolvimento saudável.

Neste sentido, o autor ressalta a Gestal- terapia:

Ela coloca o acento na tomada de consciência da experiência atual (“o aqui e agora”-que engloba, evidentemente, a ressurgência eventual de uma vivência antiga) e ela reabilita o sentir corporal e emocional – ainda tão censurado muitas vezes em nossa cultura, que codifica severamente a expressão pública da cólera, da tristeza, da angústia...mas também da ternura, do amor ou da alegria! (GINGER,2007, p.22-23)

Neste sentido, Perls (1988) considera o indivíduo como participante e pertencente a um campo do qual ele é, embora diferenciado, também inseparável. As funções de contato e fuga são cruciais na determinação da existência de um indivíduo e esse aspecto de contato e fuga do meio ambiente inclui o relacionamento com outras pessoas.

Entende o homem como um ser em relação, seu organismo é um sistema em equilíbrio, ou em constante busca de equilíbrio e auto-regulação em sua relação com os necessidades e potencialidades dele e respeitar os próprios limites. Saber olhar o outro e seguir a sua direção, sendo apenas um facilitador no processo do outro. O ser terapeuta está na relação constituída por um jeito humano a saber, os atos conscientes das pessoas, grupos sociais como um todo, sem modelos prévios, fortalecerá o desenvolvimento da relação terapêutica.

Este trabalho tem como finalidade o estudo da relação terapêutica na abordagem da Gestal-terapia. Privilegiou-se a pesquisa bibliografia, onde os principais fundamentos encontram-se no corpo teórico da gestalt-terapia da literatura clássica dos autores: Perls (1977,1988, 2002), Perls, Hefferline, Goodman(1997), também estão presentes em diversos momentos autores contemporâneos da abordagem gestática como: os Polster (2001), Yontef (1998), Robine (2006), Hycner (1995), os Ginger (1995) e Cordella (1994), entre outros que descrevem a importância da relação terapêutica tanto para a compreensão do cliente, bem como para a eficácia da terapia. As discussões sobre a relação terapêutica na Gestalt-terapia tem evoluído e norteado o percurso das bases epistemológicas que sustentam a prática clínica da Gestlat-terapia na atualidade.

# 1 UM OLHAR SOBRE A GESTAL-TERAPIA

## 1.1 PANORAMA HISTÓRICO DA GESTAL-TERAPIA

O movimento Gestaltista surgiu na Alemanha em 1912, com Max Wertheimer (1880-1943) que foi um dos pioneiros na elaboração dos conceitos da Psicologia Gestáltica. Destacaram-se, também, importantes contribuições de Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887-1967) com o estudo da percepção, mais especificamente o estudo da percepção visual do movimento. Também estudaram os mecanismos fisiológicos e psicológicos da percepção e as relações do organismo estabelecidas com o meio. Após, avançaram seus estudos à inteligência, à memória, à expressão e a personalidade como um todo, consolidando os princípios básicos desta abordagem. (GINGER, 1995, p.38).

Gestalt é uma palavra alemã que não tem em nossa língua uma tradução literal, mas possui um significado de "forma", configuração, de "partes que se somam formando um todo".

A premissa básica da Psicologia da Gestalt é que a natureza humana é organizada como um todo, onde suas partes, ou seja, o meio, as relações interpessoais, sua vida interior, tem suas particularidades e influências neste todo. No entanto, a soma dessas partes não reflete necessariamente esse todo. A experiência é vivenciada pelo indivíduo nestes termos, e só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita.

Assim, pensar é ter a compreensão de uma globalidade e não das partes isoladas. Neste sentido, afirma Ehrenfels *apud* Ginger (1995) "O todo é uma realidade diferente da soma de suas partes."(GINGER, 1995, p.38).

Posteriormente, Kurt Lewin em sua Teoria de Campo (1973), afirmava a idéia de que o homem sofre fortes influências do meio e também interfere neste e Kurt Goldstein com sua Teoria Organísmica (1939), compactuou da idéia de ver o organismo como um todo, e não só pelas suas partes, implementaram a Teoria da Gestalt que Frederick Perls utilizou para criar em 1951 a Gestalt-terapia, tendo como marco a publicação, em 1951, do livro *Gestalt Therapy*, de autoria de Frederick Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman. (PERLS, 1997)

É de extrema importância aqui frisar que há uma diferença entre a Psicologia da Gestalt, que enfatizou, sobretudo, o estudo das percepções e chegou à conclusão de que a percepção era um fenômeno total e não a soma de elementos isolados, e a Gestalt Terapia, que tem a Psicologia da Gestalt como uma das teorias que a embasam, porém tem fins terapêuticos. Foi essa a contribuição adicional de Frederick Perls para a Psicologia da Gestalt..(PERLS apud WALLEN,1980, p.19).

O movimento Gestaltista recebeu influências Fenomenológico-existencial e da Psicologia Humanista e a finalidade era ser uma escola de protesto, tanto quanto foi o Behaviorismo nos Estados Unidos. Este protesto intencional era decorrente da forte tendência analítica que dominava a psicologia na época

A Gestalt ressalta que as percepções dos acontecimentos ou da personalidade, somente podem ser presenciados e entendidos por sua organização global e não fragmentada como componentes individuais, dissociados de um todo maior e em interação com o seu meio. Tem como premissa “compreender a pessoa como um todo.” (YONTEF 1998, p.16-17)

Kurt Lewin influenciou muitas áreas da psicologia moderna, tais como percepção e motivação, e mantém influência sobre alguns movimentos educacionais tomando como ponto de partida o espaço vital, que é formado pela pessoa e pelo campo psicológico.

Para os gestaltistas, o comportamento humano é o resultado de processos perceptivos. O interesse dos gestaltistas era perceber, configurar a dimensão humana; não era possível terapeutizar o que ainda não era totalmente percebido. A função principal era erradicar a visão organicista predominante na psicologia.

O importante dessa abordagem é ver o cliente como um ser digno de confiança, responsável por si mesmo, por suas escolhas, poder ser o que realmente é, em uma totalidade que pode ser integrada, auto-regulado, consciente de sua auto-realização no presente, rumando em busca de novas experiências.

Conforme Fagan e Shepherd, (1980), a Gestalt-terapia criou sua base teórica, para ser aplicada na prática clínica, reunindo idéias de várias correntes teóricas que poderiam ser úteis.

Do Existencialismo, entende ser o homem responsável pelo que é, estando em discordância com Kierkegaard (1979). Tem a visão de homem como realmente responsável pelo que é. Assim, um cliente pode e tem capacidade de assumir a responsabilidade do seu modo de ser e de estar no mundo em seus mais variados aspectos.

Do Humanismo, Sartre (1978) é mencionado como um dos principais representantes, onde a Gestalt-terapia utiliza a idéia de que o homem é responsável por suas escolhas; se escolhe ser o que é. Assim, compartilha a idéia de que o cliente é o responsável por sua vida e

as escolhas que realiza durante a mesma.

Da Fenomenologia, de Husserl (1980) como pioneiro, com sua proposta de suspensão de todos os juízos sobre os objetos que o cercam, e de um ser em relação com o mundo, a Gestalt-terapia formula seu método de ação, ao lidar com o cliente. Esse método direciona o terapeuta a abster-se de qualquer juízo sobre o cliente, qualquer pré-conceito e tratá-lo sempre, como um ser de relações no meio, não isolado.

No que diz respeito à Psicanálise, Perls (1969), como fundador da Gestalt-Terapia, desconsidera, reformula e critica vários dos seus conceitos. Dentre eles, a forma de tratar os sonhos dos clientes na psicoterapia. A Gestalt-Terapia trabalha com os sonhos no presente, convidando o cliente a vivenciá-lo no momento atual.

Da teoria de Reich, utilizou-se da ênfase dada na postura corporal, sua relação com as estruturas de caráter, o desenvolvimento das couraças nos segmentos corporais como estados de defesa em pacientes neuróticos. "Sexualidade genital e agressividade manifesta." primado do como sobre o porquê, da forma sobre o conteúdo, da experiência do aqui e agora sobre o passado".(Ginger,1995,p.74). A Gestalt-Terapia busca propiciar uma visão do cliente como um todo, em que as partes tem seus significados particulares relacionado a este o corpo no sentido de totalidade.

De Jung, utiliza o conceito de individuação e integração das polaridades existentes no ser humano. Também os aspectos da consciência da personalidade que tem seu oposto e que a sombra da pessoa estará completa quando ao interagir com as polaridades. Resgata a experiência vivida, valoriza o processo da capacidade ampliatória da consciência e sua autorregulação, entendendo o inconsciente como reservatório de potencialidades - e não como armazenamento de conteúdos recalçados do passado. Na relação terapêutica, prioriza a relação integrada, humanizada, dialógica em uma atitude ativa e envolvida do terapeuta. (GINGER,1995)

Da Psicologia da Gestalt, utilizou-se a compreensão de todo como forma de entender e trazer o cliente para o presente e de percebê-lo como uma pessoas em constante interação. Nesta Perspectiva, a Gestalt-terapia vê o cliente como um ser em constante interação com o meio, entretanto, responsável pelo que é; não se trabalha apenas com ajustamento não saudável do cliente, mas o como ele experimenta este estar no mundo em diferentes contextos.

## 1.2 EXISTENCIALISMO, FENOMENOLOGIA E A GESTAL-TERAPIA

Perls (1977), descreveu a Gestalt-terapia como uma terapia fenomenológico-existencial, que fundamentada em princípios considerados existencialistas, fenomenológicos e utiliza vários aspectos do trabalho os quais assemelham-se àqueles desenvolvidos em muitas escolas do existencialismo e fenomenologia. A influência destas escolas foi difusa, porém fundamental.

Perls contestava fortemente a idéia de que se poderia abarcar o estudo do ser humano por meio de uma abordagem científico-mecanicista totalmente racional, como sugeria o positivismo. Assim, Perls juntou-se à maioria dos existencialistas, consolidando que o mundo vivencial de uma pessoa só pode ser entendido através da descrição direta que o cliente relata sobre situação de vida.

O pensamento de que mente e corpo constituem dois aspectos diferentes da existência, diferentes e completamente separados, era uma visão que Perls e outros existencialistas achavam inadmissíveis. De acordo com suas idéias, assim como não poderia haver cisão entre corpo e mente, também deixou a idéia da cisão entre sujeito e objeto e, entre organismo.

Perls extraiu da fenomenologia “a importância de descrever o fenômeno e que o essencial é a vivência imediata, tal como é percebida ou sentida corporalmente -até imaginada - assim como o processo que está se desenvolvendo aqui e agora” (GINGER, 1995,p.36). O conceito de intencionalidade é básico, tanto para o existencialismo e fenomenologia quanto para o entendimento de Perls. A consciência é entendida como intenção e não pode ser compreendida à parte do que é pensado ou pretendido. Os sentidos dos atos psíquicos ou intenções devem ser alcançados fenomenologicamente, e em termos de sua própria intenção particular. Assim, todo ato psíquico é intenção, e toda intenção deve ser compreendida em seus próprios termos, e não somente como um ato psíquico mais isolado.

Yontef (1998), ao invés de considerar que cada ser humano encontra um mundo que ele experimenta como sendo completamente separado de si mesmo, Perls acredita que as pessoas criam e constituem seus próprios mundos. Dessa forma, o mundo existe para um dado indivíduo, como sua própria descoberta do mundo. O objetivo da Gestalt-terapia na exploração fenomenológica é a *awarenesse*<sup>1</sup>, a compreensão da situação vivida. O cliente

---

<sup>1</sup> *Awareness* conforme Yontef (1998, p.215) “é uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensoriomotor, emocional, cognitivo e energético”.

deverá apreender a ter consciência da *awarenesse* pessoal onde cliente e terapeuta experimentam esta forma de percepção.

Finalmente, a Gestalt-terapia apropria-se da visão existencialista ao acreditar que o homem é e existe como principal norteador de sua própria existência, e na esfera terapêutico o cliente é responsável por sua vida e por sua existência como pessoa, não permitindo aprisionar-se em "culpas" e fatos do passado determinista. Somos o que escolhemos ser. Na Fenomenologia a Gestalt-terapia é centrada na descrição subjetiva do sentimento do cliente impedindo que o terapeuta faça julgamentos deste, percebendo-o como um ser no mundo, singular e único onde a relação terapêutica é tomada de consciência interjuntiva entre o cliente e o terapeuta..

### 1.3 PREMISSAS BÁSICAS DA GESTALT-TERAPIA

#### 1.3.1 O Organismo como um Todo

Na teoria de Perls, a noção de organismo como um todo é básico, tanto em relação ao funcionamento orgânico quanto à participação do organismo em seu meio para criar um campo único e contextualizado a cada pessoa. Para Perls (1977) as pessoas são organismos unificados, sem diferença entre o tipo de atividade física e mental.

Essa idéia dos níveis de atividades do comportamento humano fez Perls pensar que qualquer aspecto do comportamento de uma pessoa pode ser considerado como representações do todo, ou seja, do ser total da pessoa. Nessa perspectiva, a terapia gestáltica percebe como o cliente se movimenta, fala e interage buscando informação sobre o que ele pensa ou expressa verbalmente.

Perls ressaltou a necessidade do fato de considerar a pessoa como parte perene de um campo mais amplo, no qual inclui o organismo e seu meio. Logo, Perls protestava contra a cisão corpo-mente, protestava também contra a divisão interno-externo. O autor destacava ainda, que o fato das pessoas serem dirigidas por forças internas ou externas não tinha nenhuma relevância em si, sendo que os efeitos causais de um são inseparáveis dos efeitos causais do outro.

### 1.3.2 Ênfase no Aqui e Agora

A visão holística levou Perls a dar atenção particular à importância da auto-percepção presente e imediata que a pessoa tem de seu meio. Para a Gestalt-terapia o “agora” começa com a *awareness* presente do cliente. Eventos passados podem ser objetos de *awareness* presentes, entretanto, o processo de *awareness* (o lembrar) é agora. A *awareness* acontece no agora.

“Os gestaltistas não negam que a experiência passada tenha alguma influência na percepção e no comportamento, mas diminuem sua importância” (PONCIANO, 1985, p.78). As pessoas com ajustamento neurótico são incapazes de viver no presente, pois carregam cronicamente consigo situações inacabadas - gestalten incompletas do passado. Seu interesse é, pelo menos em parte, tomado por situações inacabadas, sendo que essas pessoas, não têm nem consciência, nem energia para lidar harmoniosamente com o presente.

Perls, entendia a ansiedade como a falta da "tensão entre o agora e o depois". A inabilidade das pessoas para lidar essa tensão, fazia-as preencher este vazio com ensaios e tentativas de tornar o futuro seguro. Assim, desvia a energia e a atenção do presente criando, constantemente, situações inacabadas que impossibilitam a abertura para o futuro, o crescimento, a criatividade e a espontaneidade.

Segundo Yontef (p.40-41) além da natureza terapêutica ligado à conscientização do presente, uma tendência ao trabalho de Perls é viver com a atenção e interesse voltada para o presente - ao invés do passado ou futuro, como algo necessário ao crescimento psicológico de cada pessoa. Percebe-se que o trabalho psicológico de Perls busca um sentido filosófico que pressupõe que a experiência presente de uma pessoa, em um determinado momento de sua vida, é a única experiência presente possível e que a condição para se sentir realizado é a verdadeira aceitação desta experiência vivida.

Por fim, a natureza destrutiva destas situações inacabadas aparece no presente e as pessoas neuróticas sentem-se incapazes de viver e sentir-se bem. Deste modo, a Gestalt-terapia não investiga o passado com a finalidade de procurar traumas ou situações inacabadas, mas incentiva o cliente a concentrar-se para que se torne consciente de sua experiência presente, tendo em vista que as situações inacabadas e problemas não resolvidos do passado aparecerão inevitavelmente como parte desta experiência presente. De acordo com o aparecimento dessas situações inacabadas, solicita-se ao cliente que as represente e experimente de novo, com a finalidade de completá-las e entendê-las no presente.

### 1.3.3 Utilização do Como sobre o Porquê

Na concepção fenomenológica de Perls, uma consequência natural a seguir é a ênfase na compreensão da experiência do cliente de modo descritiva e não causal. Assim, estrutura e função são idênticas e se uma pessoa é capaz de compreender como se faz alguma coisa, esta pessoa poderá também compreender a ação em si. Para Perls, o determinante causal (o porquê da ação) é irrelevante para qualquer compreensão do fenômeno em si. Entendia que toda ação tem múltiplas causas, do mesmo modo como toda causa tem causas múltiplas, e as explicações das causas nos dificultam a compreensão do fenômeno em si.

Nesta perspectiva, uma vez que todo elemento da existência de uma pessoa somente será compreendido como parte de muitas gestalten, não é possível entendê-la separadamente de toda a base de causas da qual se originou. Então, uma relação causal não pode ocorrer entre elementos que formam um todo. Assim, na prática da Gestalt-terapia, a importância está em ampliar seguidamente a consciência da maneira que a pessoa se comporta, e não fixar-se em análises intermináveis dos motivos que levam a pessoa a se comportarem de tal jeito.

### 1.3.4 A Conscientização

Perls (1977) acreditava que o processo de crescimento é um processo de expansão das áreas de autoconsciência e a fuga da conscientização bloqueia o crescimento psicológico de uma pessoa. Ressaltava ainda, a sabedoria do organismo, no qual considerava uma pessoa madura e saudável aquela que desenvolvia auto-apoio e se auto-regulava. Destacava a autoconscientização como indispensável para a ciência da natureza auto-reguladora de todo o organismo.

Perls também em sua teoria, sugeriu que o princípio da hierarquia e necessidades está sempre atuando na pessoa. Neste sentido, a necessidade mais urgente, a situação inacabada mais importante, sempre irá surgir se a pessoa estiver sempre consciente de sua experiência. Desenvolveu a idéia de um continuum de consciência como um meio de favorecer esta autoconscientização. Manter um continuum de consciência parece demasiadamente simples porém, a maioria das pessoas interrompe o continuum quase de imediato, isto em geral é causada pela conscientização de algo desagradável.

A fuga de uma conscientização contínua, e auto-interruptiva, impossibilita o cliente de perceber e trabalhar com a conscientização desagradável. Assim, o cliente permanece preso numa situação inacabada. Estar consciente consiste em prestar atenção às figuras emergentes da própria percepção. Impedir a tomada de consciência é dificultar o fluxo livre e natural do delineamento figura e fundo.

Ao destacar a natureza do auto-apoio e da auto-regulação do bem-estar psicológico, associados ao seu meio ambiente. Logo, o equilíbrio orgânico requer uma constante interação com o meio. O aspecto importante para Perls é optar qual a maneira e como nos relacionamos com o meio e ainda reconhecemos nossa condição de determinar como nos auto-regulamos dentro de um campo.

Perls ao falar das várias formas pelos quais se realiza o crescimento psicológico, ressalta a necessidade de completar situações ou resolver gestalten inacabadas e afirma a idéia de que a mudança deve ser opcional e que o crescimento psicológico deve ser um processo natural e espontâneo.

Concluindo, na Gestalt-terapia é mister que o cliente seja compreendido e tratado em relação organismo e meio, digno de confiança, responsável por si mesmo, capaz de ser o que é em sua totalidade integrada, atento a ampliação da consciência auto-regulada e auto-realizada visando dar um sentido as suas percepções, as suas experiências enfim, a sua própria existência.

## 2 A GESTALT-TERAPIA E O SER TERAPEUTA

### 2.1 ATITUDE FENOMENOLÓGICA DA PRÁTICA CLÍNICA

Na sociedade contemporânea evidenciou-se uma crescente discussão acerca da existência humana e as dimensões deste “estar no mundo”. Os filósofos como Sartre, Marcel, Merleau-Ponty, Heidegger, Jaspers, Kierkegaard e Hycner apontam o problema das pessoas em contatar um sentido maior do ser, que muitas vezes, desenvolvem uma forma de isolamento em relação ao outro, resistências frente ao novo e vivenciam a falta de uma forma mais profunda do existir. Neste contexto, que muitas pessoas recorrem à psicoterapia, como uma possibilidade de resgatar a totalidade do seu existir.

O método fenomenológico de compreender através da descrição é básico no pensamento de Perls (1977, 2002). Todas as ações implicam escolha, todos os critérios de escolha são eles próprios selecionados e explicações causais não são suficientes para justificar as escolhas ou ações de alguém. Além disso, a confiança fenomenológica na intuição para o conhecimento das essências assemelha-se à confiança de Perls naquilo que ele chama de inteligência ou sabedoria natural do organismo.

Neste sentido, o próprio modo de Perls propor sua abordagem inclui, como qualquer descrição fenomenológica, as características fenomenológicas e existenciais descritas acima. Seus livros não são argumentações descrevendo um ponto de vista particular, uma vez que, na estrutura fenomenológica, a argumentação perde o sentido a não ser que o leitor, fora do contexto de sua própria experiência, decida aceitar as premissas de Perls desde o início. O estilo de Perls é imaginativo e pessoal, e sua tentativa é existencial no sentido em que propõe uma teoria do desenvolvimento psicológico que é inseparável do envolvimento de Perls com seu próprio desenvolvimento.

Ter uma atitude fenomenológica - conhecer o fenômeno, no caso o homem, sem a priori, através de sua evidência, pela apreensão de sua essência. Este ponto de partida nos explicitou, revelou um todo - o homem-no-mundo. A percepção disto nos remeteu a questionamentos de como se percebe, do que é percebido ou não, enfim, das leis da percepção, de seu significado e organização, intrínsecos ao processo do estar-no-mundo, em um determinado tempo e espaço. Ser psicoterapeuta é uma forma de ser no mundo com o outro.

A Gestalt-terapia vai além do que um conjunto de técnicas. Visa facilitar a *Awareness* e o aprendizado dos meios para a conscientização da pessoa. Para Yontef (1998) a fenomenologia busca compreender no que é óbvio na situação mais do que na interpretação do observador. A investigação fenomenológica direciona-se para uma descrição clara e detalhada do que é, e deixa de enfatizar o que deveria ser ou poderia ser.

Segundo o autor o contato com o cliente é o processo básico da relação, valorizando tanto o conectar como o separar. O processo “Eu-Tu”, Aqui-e-Agora baseado no existencialismo dialógico prioriza o contato da pessoa completa e intensamente com outra pessoa ou com a tarefa que esteja por perto. Um relacionamento desenvolve-se quando duas pessoas, cada uma com sua própria existência e necessidades pessoais, fazem contato reconhecendo e permitindo as diferenças entre si. Isto exige que a pessoa tenha delineado a capacidade de sentir a necessidade da realidade externa, assim como suas próprias necessidades, sentimentos e crenças para então, definir o tratamento que é mais adequado. Assim, requer a conexão entre self interno verdadeiro e o aspecto externo do campo indivíduo/meio.

A Gestalt-terapia é baseada no existencialismo dialógico, na relação Eu-Tu em sua visão de mundo baseados na Teoria de Campo.

Segundo Perls, (1977, p. 9), “Nós não existe, mas é composto de Eu e Tu; é uma fronteira sempre móvel onde duas pessoas se encontram. E quando há encontro, então, não eu me transformo e você também se transforma.”

Yontef (1998) descreve ainda três princípios em relação ao trabalho em gestalt-terapia a saber: a Gestalt-terapia é fenomenológica; sua finalidade é a consciência e sua metodologia é “a metodologia da *awareness*”. Neste entendimento, a metodologia da *awareness* somente terá eficácia quando fundamentada e energizada pela necessidade que predomina no organismo. Não é completa sem o conhecimento direto da realidade que se apresenta e como a pessoa se encontra nela; é sempre aqui e agora, mutante, desdobrando-se e transcendendo-se continuamente.

Perls; Hefferline e Goodman (1997) ressaltam que o processo de terapia visa restabelecer parte das funções do ego que se perdeu e proporcionar outros fundos de experiência até que o self possa progredir rumo a um ajustamento mais criativo.

Perls sugere que o terapeuta é, basicamente, uma tela de projeção na qual o paciente vê seu próprio potencial ausente; a tarefa da terapia é a recuperação deste potencial do paciente. O terapeuta é, sobretudo um habilidoso frustrador. Embora dê satisfação ao paciente

dando-lhe atenção e aceitação, o terapeuta frustra-o recusando-se a dar-lhe o apoio de que carece.

O terapeuta age como um catalisador que ajuda o paciente a passar pelos pontos da "fuga" e do impasse; o principal instrumento catalisador do terapeuta consiste em ajudar o paciente a perceber como ele ou ela constantemente interrompe-se, evita a conscientização, desempenha papéis e assim por diante. As projeções que estão envolvidas na relação do paciente com o terapeuta fornecem um aspecto bastante significativo da fuga daquele, mas, como mencionamos anteriormente, outros aspectos além dos elementos transferênciais da relação cliente-terapeuta também são considerados importantes.

O terapeuta é humano e seu encontro com o paciente envolve o encontro de dois indivíduos, o que inclui mais também vai além do encontro definido de papéis terapeuta-cliente.

Conforme Cardella (2006, p.111) O fenômeno básico da relação humana é possibilitar ao cliente a vivência de uma relação real com o outro. Para tanto, devemos investir em um trabalho pessoal intenso, pautado no crescimento pessoal do terapeuta que tem a consciência que não poderá ir com o cliente aonde ele mesmo não conseguiu chegar. O processo de crescimento do cliente não ocorre, se o terapeuta permanece preso em seus próprios bloqueios.

Para Cardella, (2006, p. 111), "Se estamos perdidos no nosso próprio labirinto não estamos disponíveis para oferecer companhia. Só podemos ajudar alguém quando aprendemos, num nível básico, ajudarmos a nós mesmos".

Neste modo, por mais conhecimento e experiência profissional que o terapeuta tenha, necessita sempre estar refletindo sobre a sua prática profissional num eterno recomeçar. A experiência humana apresenta uma forma da condição humana, às vezes desconhecida, única, singular, surpreendente a cada encontro com o outro em uma verdadeira transformação. Nossas certezas, muitas vezes, causar-nos-ão dúvidas e cada novo cliente, mostrará novos desafios, pontos cegos, resistências, dificuldades e feridas internas.

Cardella (2006, p.112) descreve as atitudes fundamentais do terapeuta gestáltico:

- 1 - A abertura para a alteridade
- 2 - A empatia
- 3 - A aceitação da vulnerabilidade Humana
- 4 - A amorosidade.

O cliente é sempre a figura principal, mesmo havendo grandes diferenças entre cliente e terapeuta ainda que conservem sua individualidade. O terapeuta desenvolve um papel ativo e presente, sem jamais substituir a opção livre do cliente. Portanto, na Gestalt-terapia, a pessoa é pensada no campo, no qual pessoa e meio são realidades interdependentes. Na prática, podemos pensar pessoa e meio como figura e fundo de uma única realidade. A finalidade da psicoterapia é, prioritariamente, liberar e liderar as forças preservadas da personalidade e não a de debelar sintomas. É importante que a pessoa encontre sua capacidade de fluir, de ser espontânea, porque essas capacidades pertencem à natureza da pessoa, pois provém de um mecanismo inato no ser humano, que é o de se auto-regular e estar em harmonia com o meio.

Na psicoterapia gestáltica, o objetivo é que a pessoa consiga reequilibrar sua própria vida, tomando suas decisões e fazendo escolhas que respondam as suas reais necessidades. Assim, acreditamos que em cada pessoa há as condições necessárias para atingir o melhor aproveitamento de sua vida. Neste sentido, cliente e terapeuta, investigarão juntos suas dificuldades, sua saúde e seu processo de conscientização. Deste modo, a Gestalt-terapia trabalha a partir do presente, do momento em que as dificuldades da pessoa aparecem e, ampliando sua consciência, proporciona novos olhares, novas formas de conhecer a si mesmo no presente e passado integrando-os no momento atual de vida e assumindo este jeito de o ser e responsabilizando-se pelas escolhas que estará habilitado a realizar.

Perls (1988) sugeria que o trabalho em grupos tinha muito a oferecer, quer o trabalho envolva explicitamente o grupo inteiro, quer assuma a forma de uma interação entre o terapeuta e um indivíduo dentro do grupo. Afirmava que o grupo pode ser extremamente valioso ao fornecer uma situação de mundo microcós mica na qual as pessoas podem explorar suas atitudes e comportamentos uns em relação aos outros. O apoio do grupo na "emergência segura" da situação terapêutica também pode ser bastante útil ao indivíduo, assim como a identificação com os conflitos de outros membros e sua resolução dos mesmos.

Em última análise, a Gestalt-terapia é uma abordagem que busca a autonomia, não a eterna dependência da pessoa a um terapeuta. Resgata o contato humano real e não contatos vazios norteados por intelectualizações inapropriadas. Retoma o olhar a saúde integral da pessoa, evitando o aprisionamento ao problema psicológico em si que reduz cada vez mais o potencial humano.

## 2.2 O DIAGNÓSTICO EM GESTALT-TERAPIA

O diagnóstico em Gestalt-terapia segundo Pimentel (2003) segue um viés colaborativo e interventivo aproximando-se da visão de mundo psicológico do cliente. Procura libertar-se de classificações e rótulos nosográficos, valorizando e ressaltando o reconhecimento dos significados do sintoma no presente e quais os caminhos que tem a percorrer para que se desenvolva em sua vida.

Para Yontef (1998) a prática clínica consiste em valorizar a importância do psicodiagnóstico para as psicoterapias desde que este procedimento não se limite apenas como uma investigação causal, mas que se adote um relacionamento amistoso, horizontal entre terapeuta e cliente no sentido de valorizar o potencial humano e não no aprisionamento de cura-doença.

O autor destaca ainda, a importância da postura ética profissional que envolve estudo constante, pesquisa e atualizações na prática clínica, procurando seguir caminhos que resgatem e reconheçam o potencial do cliente. Destaca a importância do diagnóstico como processo que favoreça o relacionamento terapêutico dialógico e resgate a compreensão da estrutura e não somente o conhecimento da dinâmica da personalidade do cliente. Define o diagnóstico como “um processo de prestar atenção, respeitosamente, a quem a pessoa é, tanto como indivíduo único, como no que diz respeito às características compartilhadas com outros indivíduos”. (YONTEF, p. 278-279)

Yontef adota o padrão existencial em termos de psicodiagnóstico que busca a identificar o padrão singular, interpessoal, descrito pelo paciente na compreensão dos aspectos comuns de sua existência.

Frazão (1991) propõem o diagnóstico seguindo o pensamento do diagnóstico processual, com a finalidade de compreender e descrever as vivências singulares de cada cliente. Afirma que o diagnóstico processual leva em conta o auto-crescimento do cliente, considera suas mudanças ao longo de sua história e na relação consigo mesmo e com o outro.

O diagnóstico em Gestalt-terapia tem com objetivo definir fenomenologicamente um processo, ou seja, como a pessoa-cliente está funcionando no momento, para que funcione deste modo, a que necessidades atende e quais necessidades deixa de atender.

Um diagnóstico apenas baseado nos rótulos nosológicos seguidores da psiquiatria tradicional, sem uma compreensão psicodinâmica não vem atender ao propósito do diagnóstico gestáltico, uma vez que impedem a percepção do processo como um todo.

Assim, a compreensão dos processos evolutivos das fantasias que estão presentes na vida psíquica, pode ser instrumento valioso para se fazer um diagnóstico mais preciso antes de qualquer formulação diagnóstica. Neste sentido, favorecer um contato, no presente, com a pessoa do cliente onde tais aspectos se manifestem, perceber de que forma se organizam e para que servem, o sintoma é fundamental. Cabe então ao terapeuta habilitado perceber e compartilhar, na medida do possível, com seu cliente o "diagnóstico" que somente poderá ser compreendido e validado ou não, através da relação terapêutica

Para Frazão (1996) uma pessoa funciona como um todo, onde alguns comportamentos, idéias ou sentimentos, podem representar aspectos disfuncionais ou desatualizados em relação ao todo, inibindo a auto-regulação e a capacidade criativa do organismo, assim, manifestando o sintoma. O diagnóstico na Gestalt-terapia procura inicialmente, por meio de entrevistas, identificar os aspectos que se manifestam, de que forma se organizam e para que servem. A função do terapeuta é perceber, compartilhando, na medida do possível, com seu cliente, uma vez que tal "diagnóstico" só pode ser compreendido e validado na relação terapêutica.

Nas terapias de fundamentação existencial-humanistas, não existem verdades maiores ou melhores no terapeuta que possam reconhecer, no sintoma do paciente. O sentido do vivido é dado por quem o vive. Tanto o vivenciado pelo terapeuta, quanto o vivenciado pelo cliente. Podemos considerar o diagnóstico de diferentes pontos de vista: a partir da relação estabelecida com o paciente (contato); a partir da teoria a qual o terapeuta se refere, e sua implicação em seu próprio ponto de vista (do terapeuta); poderíamos acrescentar ainda, o ponto de vista do paciente e da percepção que tem de si mesmo e de seu sintoma (motivação para o tratamento). Todos esses pontos de vista devem ser compreendidos como um processo de interações interdependentes. Pensar o paciente e o terapeuta como um sistema dentro de um sistema maior é uma das vantagens do diagnóstico gestáltico.

Segundo Perls, Goodman e Hefferline (1997) psicopatologia em Gestalt-terapia é "o estudo da interrupção, da inibição ou outros acidentes no processo do ajustamento criador"(p. 127) Perls especificou: "O estudo da maneira como uma pessoa funciona em seu meio é o estudo do que acontece na fronteira de contato entre o indivíduo e seu meio. É nessa fronteira de contato que os eventos psicológicos tem lugar."(Idem).

Na realização da entrevista inicial o terapeuta não pode esquecer que o cliente faz um "diagnóstico" partindo da percepção de seu "sintoma", ou seja, de seus comportamentos mais ou menos disfuncionais; enquanto o "diagnóstico" do terapeuta deve aliar à percepção

fenomenológica, uma determinada compreensão de homem, no sentido mais genérico, implicando, tal compreensão, numa metodologia de intervenção terapêutica.

Nesta perspectiva, o cliente com traços obsessivo compulsivo ao buscar a psicoterapia - conforme o caso estudado em supervisão, demonstrou determinada disciplina, ordem e seriedade e bloqueio o controle das emoções. Apresentou comportamentos intelectualizados no momento da entrevista inicial, rígido controle de si e dos outros, polígia os afetos e condutas, implacável, radical, sem flexibilidade. Perder-se em detalhes, é perfeccionista pelo medo de errar e está sempre com dúvidas. A função pode desgastá-lo e estressá-lo. O objetivo neste contato inicial, é acolher sua história fazer ele se dar conta deste estado atual e estimulá-lo tratamento psicoterápico.

Neste caso o tratamento visa à promoção e a auto-regulação do organismo procurando alternativas criativas para a satisfação das necessidades (mesmo quando um comportamento inadequado ou uma doença se instalam, o propósito inicial é a auto-regulação do organismo). O psicólogo estimulará através das técnicas psicoterápicas a sensibilização das necessidades atuais, favorecendo a conscientização e possibilitando um reajustamento criativo. Todavia, sem perder de vista que o adoecimento se deve a um ajustamento que não é mais funcional para o organismo, pois tal ajustamento está desatualizado em relação às necessidades deste, atendendo às necessidades fantasiadas. A doença reflete um comprometimento na capacidade de escolha e a cristalização de uma determinada resposta do organismo (defesas patológicas), atuando em cima de necessidades, na maioria das vezes, não mais atuais (respostas às experiências do passado, projetadas como fantasias no presente). Desta maneira, o trabalho terapêutico tem como meta ressensibilizar o organismo para que a pessoa consiga reestruturar novas respostas criativas que atendam as suas necessidades atualizadas.

### 2.3 O FUNCIONAMENTO NÃO SAUDÁVEL E A INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA

Os Polsters (1979) expandiram o conceito de contato. Diferenciando-o de companhia e agrupamento, sinalizaram uma polaridade básica: a união-separação. Pela capacidade de unir-se a alguém ou a algo, o organismo recolhe elementos do ambiente que experencia. Afastando-se, pode discriminar as sensações do próprio eu, das coisas que se aproximam e das que permite fundirem-se ao eu, através da fronteira-de-contato. O resultado seria o fortalecimento da identidade psicológica. Conjuntamente a esta expansão conceitual, o

desdobramento das fronteiras de contato, toda a gama das experiências na vida e todas as capacidades internas para a assimilação da experiência nova ou intensificada.

São fronteiras do eu, as ações, idéias, as pessoas, os valores, ambientes, imagens, memórias, o mundo e as reverberações da ligação, os riscos, as oportunidades e as conseqüências. São fronteiras do corpo os elementos que integram a consciência. São fronteiras de valor os padrões adotados pelo sistema de valores do indivíduo. São fronteiras de familiaridade, as formas de lidar somente com o que é conhecido pelo organismo, que cria limites para a experiência. São fronteiras expressivas, os limites expressivos para o comportamento decorrentes da introjeção de tabus culturais. São fronteiras de exposição, a relutância em expressar-se por temor às sanções sociais.

Compreendendo o eu como um processo, os Polster, articularam ao conceito de fronteiras de contato o de funções de contato. Consideram-se funções de contato o perceber, envolver, espacializar no ato de falar, ver, ouvir, cheirar-olfato, sentir-gustação, tato-sensação tátil e movimentar-se. Por meio delas, o organismo coloca-se interessadamente numa situação. Instala-se no núcleo das mesmas, facilitando a emergência da figura e dirige energia para o alvo, definindo um ciclo de energização composto pela somatória de interesse, excitação, engajamento, do qual resulta *o contato pleno*.

Na prática clínica do terapeuta, é fundamental as funções de contato já nas primeiras relações que se estabelece entre terapeuta-cliente atribuindo um significado e intenção em suas respostas. Desse modo, estabelece vivências únicas de maneira sensorial e por meios de diálogo e a expansão de suas fronteiras de contato. Esta relação possibilita o desenvolvimento *Awareness* e a formação do seu forma própria de interação com o mundo. A relação terapeuta-cliente auxilia o cliente a formar figuras nítidas de percepção e a construção do seu auto-suporte.

O contato saudável com o terapeuta oportuniza o resgate das funções de contato, corresponde ao desenvolvimento de um modo de olhar com prazer, sem fugir ao contato pessoal visual, contextualizando e dimensionando a experiência. Um modo de escutar amplo, ativo e aberto para as próprias necessidades e para as do outro, observando as palavras, a voz e os significados. Um modo de tocar e sentir livre dos aspectos negativos e artificiais, dos constrangimentos e das censuras. Um jeito de falar tranqüilo que se permita observar a voz e a linguagem, a direção, a expressividade, a situação e o uso das palavras, as intervenções e a criatividade. Um modo de movimentar-se que integra o corpo e as sensações, de forma única. Uma maneira especial de cheirar e apreciar o gosto, inserido no processo de reconhecimento

decorrente do senso de avaliação das diferenças, entre os diversos sabores possíveis de serem assimilados pelo meio.

Na relação estabelecida, o campo possui uma importante função que é oportunizar um ambiente favorável as suas necessidades físicas e psíquicas, mas, também de acordo com as normas e regras sócio-cultural aonde a criança irá desenvolver-se. Deste modo, ela irá aprendendo desde cedo a lidar com os limites e frustrações, adaptando-se às normas da sociedade passando a criar defesas próprias para atuar em situações difíceis. É por meio desta função reguladora que a criança vai desenvolvendo a sua auto-regulação. A vivência do “não” proporciona a criança a perceber o outro e ao deparar-se com o limite estabelece uma fronteira clara entre ela e o outro e uma figura clara do que acontece entre eles. Isto vai se alicerçando na representação de si e na atuação do desenvolvimento dos padrões de interação com o mundo.

Perls em seus estudos considerava a fuga da conscientização e a conseqüente rigidez da percepção e do comportamento como os maiores obstáculos ao crescimento psicológico. Os neuróticos (aqueles que interrompem seu próprio crescimento) não podem ver claramente suas necessidades e tampouco podem distinguir de forma apropriada entre eles e o resto do mundo. Em conseqüência, são incapazes de encontrar e manter um equilíbrio adequado entre eles próprios e o resto do mundo. A forma que este desequilíbrio geralmente toma é a pessoa sentir que os limites sociais e ambientais penetram muito fundo dentro dela mesma; a neurose consiste em manobras defensivas destinadas ao equilíbrio e proteção contra este mundo invasor.

Perls (1988) sugere que existem mecanismos neuróticos básicos ou interrupções de contato capazes de impedir o ajustamento saudável. São eles: introjeção, projeção, confluência, retroflexão e egotismo.

Introjeção: mecanismo que nos leva a incorporarmos em nós mesmos normas comportamentais e forma de pensar que foram internalizados passivamente ao longo da infância. A pessoa que introjeta não tem oportunidade de desenvolver sua própria personalidade e, ao absorver introjetos cria em seu interior grandes conflitos e insegurança. Por exemplo: uma pessoa que engoliu sem mastigar os valores de seus pais, da escola e da sociedade deseja que a vida continue deste jeito. Assim, a diminuição do contato com o meio e consigo mesmo deixa o neurótico confuso e inseguro, sem poder identificar com clareza suas próprias necessidades controlando a si mesmo para não errar ou descontentar o outro.

Projeção: A projeção sempre responsabiliza os outros pelo que se origina no self. Envolve um repúdio de seus próprios impulsos, desejos e comportamentos, colocando fora o que pertence

a ele próprio. Perls chama a atenção para a distinção entre a projeção como processo patológico e a suposição baseada na observação, que é normal e saudável. Na doença a pessoa seria governada pelas projeções, falhando em reconhecê-las como hipóteses, perdendo os próprios limites e confundindo-se em termos de identidade pessoal. No consultório é possível perceber o cliente projetivo quando ele atribui o fracasso da sessão ao terapeuta que não que ir adiante. A projeção é bastante utilizada pelo paranóico, sempre desconfiado acusa as outras pessoas da agressividade que ele mesmo projeta sobre as pessoas.

“A pessoa super-alerta, super-cautelosa que afirma querer ter amigos, ser amada, mas diz, ao mesmo tempo, que ‘você não pode confiar em ninguém, que todos estão a fim de saquear o que puderem’, é uma projetiva por excelência” (PERLS, 1988, p.51).

O conceito de projeção enquanto uma disfunção de contato do sujeito com o objeto, tem sido motivo de estudos aprofundados por parte dos teóricos da Gestalt-terapia, desde que Perls a definiu como sendo uma tendência para se desapropriar dos próprios impulsos, uma inclinação em negar e não aceitar as partes da nossa personalidade que consideramos difíceis, ofensivas ou sem atrativos. Com a Projeção esperamos nos livrar de aspectos intoleráveis de nós mesmos. A pessoa que projeta não pode aceitar seus sentimentos e ações, deste modo, os atribui a uma outra pessoa e aí, então, pode reconhecê-los e até criticá-los. O trabalho do terapeuta consiste em ajudar a pessoa a recuperar partes de sua própria identidade, que se encontram projetadas.

**Confluência:** Ocorre um desajuste na interação onde a pessoa não percebe uma separação entre ele e seu meio, sente que ele e o meio são um só; as partes e o todo são únicas, como se dá entre a mãe e recém-nascido. Em estado patológico de confluência, a pessoa não consegue fazer contato consigo mesma. Na confluência, os indivíduos não experienciam nenhum limite entre eles mesmos e o meio ambiente. Este mecanismo também impossibilita a tolerância das diferenças entre as pessoas, uma vez que os indivíduos que experimentam a confluência não podem aceitar um senso de limites e, portanto, a diferenciação entre si mesmo e as outras pessoas. Nas sessões, o cliente confluyente espera que o terapeuta sempre faça as coisas por ele.

**Retroflexão:** De acordo com Perls (1988) as pessoa retroflexoras voltam-se contra si mesmas, ao invés de dirigir suas energias para mudança e ajustamentos criativos, dirigem essas energias de forma negativa para si próprio. Dividem-se e tornam-se sujeito e objeto de todas suas ações e passam a ser o alvo de seu comportamento. Percebe-se nas sessões que o cliente com o ajustamento retroflexivo tende a culpar-se por dificuldades vividas, possui auto-destrutividade, às vezes, com manifestações de doenças como forma de punir-se a si próprio.

Conforme Perls, Hefferline e Goodman (1997) na retroflexão as energias e ações são direcionadas ao único objeto disponível no campo: sua personalidade e seu corpo. O retroflexor, em geral, se culpa e se arrepende do que faz; sente-se inadequado e insatisfeito nas suas relações com o meio e, na tentativa de evitar frustração, culpa e arrependimento, corrige e revisa várias vezes o que já fez.

Egotismo: A pessoa se coloca sempre como o centro das coisas, tendo um controle rígido e excessivo no mundo externo. Utiliza-se do pensamento em todas as possibilidades para prevenir futuros fracassos ou surpresas. O egotista faz valer sua vontade, descuidando-se da atenção ao seu meio; apresenta dificuldade em dar e receber. No egotismo, a inibição reprimida exclui e isola o self na fronteira de contato. O cliente sempre terá algo a “falar” sobre tudo.

Perls (1988) resume os mecanismos de defesa já descritos “o introjetivo faz como os outros gostariam que ele fizesse; o projetivo faz aos outros aquilo que os acusa de lhe fazerem; o homem em confluência patológica não sabe quem está fazendo o que a quem e o retroflexor faz consigo o que gostaria de fazer aos outros” (p. 54).

O ajustamento neurótico não pode ser compreendido de forma isolada; necessita ser percebido sempre como algo mais amplo. Perls (1988) associa a neurose ao acúmulo de “*gestalten* inacabadas”, necessidades interrompidas ou não-satisfeitas, sucessivas interrupções no fluxo natural entre *figura e fundo*. A pessoa apresentaria, seguidamente, dificuldade de ajustamento entre o organismo e seu meio, frente a determinadas situações para ele consideradas desgastantes. Neste sentido, a neurose é mais do que conflito entre o organismo e seu meio ou em decorrentes de desejos proibidos ou recalcados conforme acreditava Freud.

Segundo Ribeiro (1985, p. 74) “O que o cliente diz jamais pode ser entendido em separado, pois a figura ‘tem’ um fundo que lhe permite revelar-se e do qual ela procede. Como eu estruturo minha percepção para perceber algo como figura e não como fundo e vice-versa é altamente significativo.”

Perls afirmava que todos estes mecanismos raramente agem isolados um do outro, embora as pessoas tendam a equilibrar suas tendências neuróticas entre esses mecanismos em variadas proporções. A função crucial desses mecanismos é preencher a confusão do neurótico na discriminação de limites. Dada esta confusão de limites, o bem-estar da pessoa, ou seja, sua capacidade de ser auto-apoiado e auto-regulado estaria seriamente comprometido.

Para Perls compreender o processo destes mecanismos é básica na abordagem psicoterapêutica. Ele considerava a Introjeção como sendo central na luta entre o dominador e o dominado. O dominador se manifesta por um pacote de padrões e atitudes introjetados,

enquanto o dominador - o Superego permanece introjetado e não assimilado, as exigências expressas pelo dominador continuarão a ser irracionais e impostas a partir de fora. Perls sugeria que a Projeção é crucial na formação e compreensão de sonhos. Sob seu ponto de vista, todas as partes de um sonho são projetadas, fragmentos desapropriados de nós mesmos. Todo sonho contém pelo menos uma situação inacabada que envolve estas partes projetadas. Trabalhar com o sonho é recuperar tais partes e, portanto, completar a Gestalt inacabada.

Perls; Hefferline e Goodman (1997) atribuem ao self enquanto processo três funções: função id (necessidades corporais, pulsões); função eu (escolha ativa, adaptativa, ajustamentos criativos); função personalidade (auto-imagem). Um sintoma é sempre a resolução mais criativa que o organismo pode alcançar naquele momento. No processo da gestalt-terapia a focalização e a associação podem ser compreendidos, respectivamente, como tendo uma relação com os conceitos de figura/fundo e parte/todo num processo contínuo e fluído, que nos remete à noção de histórico-cultural com a figura/parte vista em relação a um fundo/todo em eventos tanto presentes como passados. Esta alternância plástica entre figura/fundo, todo/parte e presente/passado compõe a história de cada indivíduo atendido.

Ademais, os mecanismos de defesa ou de evitação do contato podem ser saudáveis ou patológicos, conforme sua intensidade, sua maleabilidade, o momento em que intervêm e, de uma maneira mais geral, sua oportunidade. O gestalt-terapeuta não deve atacar, vencer ou superar as resistências, quando o cliente está evitando o contato, e sim, no momento torná-las mais conscientes ou figurais, favorecendo seu uso adaptado à situação do momento. Um mecanismo de defesa por si só não é bom nem ruim, o uso que a pessoa faz dele, o seu funcionamento e aplicabilidade que irá determinar a sua "patologia".

#### 2.4 AS POSSIBILIDADE NA PSICOTERAPIA GESTÁLTICA

Segundo os Polster (2001) a psicoterapia na abordagem gestáltica oferece uma possibilidade de reorientar as funções de contato (olhar, ouvir, tocar, mover-se, sentir, falar, cheirar e provar) por meio dos experimentos e suas intervenções. A Gestalt-terapia compreende que a consciência é um evento focalizado no presente, no aqui-agora, isto significa que: para perceber melhor um fenômeno dentro ou fora de mim mesmo, devo estar concentrado em minhas funções de contato. Este fluxo de consciência ,ou seja, a *awareness*;

quando tal fluxo é interrompido significa que a consciência deixou de focalizar sua percepção sensorial para focalizar também uma fantasia. Tais fantasias são a base dos mecanismos de evitação, que podem ter um funcionamento patológico.

Assim, por meios de experimentos o terapeuta terá condições de ajudar o cliente no desenvolvimento de uma forma mais orgânica, isto é, orientado pelas reais necessidades de seu organismo como um todo, em lugar de uma orientação baseada nas introjeções recebidas familiar e socialmente, onde rótulos internalizados criam uma condição que distorce a imagem de si mesma e em seu ambiente, cristalizando muitas vezes atitudes que fixam os problemas, em vez de resolvê-los.

Por meio do uso da fantasia, por exemplo, de uma forma focalizada no presente, o paciente pode experimentar ser isto ou aquilo, que pensa ou dizem sobre ela, de forma a se apropriar conscientemente e escolher novas condutas, atualizando-se em relação às suas próprias necessidades. ou ainda se utilizar de outras técnicas conforme a demanda do caso como : foco fenomenológico; conduta ativa do terapeuta; relação terapêutica mais subjetiva (holding, acolhimento, apoio) com trabalhos individualizados ou em grupos.

De acordo com os (Polster, 2001) o terapeuta gestáltico se utiliza de muitas técnicas no decorrer do processo terapêutico como:

- exercícios de *awareness*: acompanhando o fluxo de sensação/emoção/pensamento e amplia a possibilidade de percepção e integração entre estes níveis;
- focalizando polaridades: integrando aspectos cindidos e polarizados na relação sujeito-objeto, favorecendo ao processo de síntese e a simbolização;
- amplificação do foco da consciência: trabalhando nas fronteiras de contato;
- focalização nos conteúdos que podem ser imediatamente percebidos, ampliando-se gradativamente a partir daí até a percepção, por parte da consciência, das idéias/valores/ identificações conflitantes;
- interpelação direta: falar com...e não falar de ..;
- estimulando o contato relacional não-interpretativo, do terapeuta para com o cliente e deste em relação as suas próprias percepções;
- "hot seat" ou cadeira vazia (trabalho de projeção ativa): o terapeuta estimula que o cliente estabeleça um contato mais direto com suas próprias introjeções e fantasias, sugerindo o diálogo do cliente com estas mesmas fantasias de forma dramatizada;
- trabalho com os recursos pré-verbais: estimulação do movimento espontâneo, sensibilização através da música, ressensibilização a capacidade imaginativa e a

fantasia, abrindo margem a novas possibilidades simbólicas.

- trabalho com os sonhos como atividades espontâneas e vivências que expressa o que se vive no agora.

A Gestalt-terapia também valoriza no processo terapêutico as dimensões afetivas, intelectuais, sensoriais, sociais, emocionais, fisiológicas das pessoas de acordo com os conceitos de figura/fundo e parte/todo. Seu foco de trabalho é a consciência (*awareness*) seguindo um caráter dinâmico do processo com a finalidade de facilitar a discriminação e de promover a maior precisão no contato com a figura emergente e novas cadeias de relações e significados.

## 2.5 A CRIATIVIDADE NO PROCESSO TERAPÊUTICO

Para Zinker (1995) a criatividade tem início em suas raízes, na concepção existencial de ser humano na qual o ser humano é visto como estando sempre num possível estado de refazer-se, de poder escolher e organizar sua existência criativamente. A visão existencial afirma a capacidade humana de escolher seu próprio destino, de transcender limites e condicionamentos. Podemos dizer que, quanto maior for a *awareness* de uma situação, maior as possibilidades de que o ser humano possa ser realmente sujeito de sua história ou, colocado em termos mais poéticos, artista de si mesmo, artista de sua própria existência. É claro que neste processo, vários fatores que advêm do ser o indivíduo um ser social (fatores históricos, sociais, políticos, econômicos, familiares etc), vão se manifestar e ter influência no curso e forma de nossas existências, mas o que a postura existencial afirma é que o indivíduo não pode ser visto apenas como “produto” do meio, pois com ele pode sempre interagir de forma criativa, inusitada e transformadora.

Na Gestalt-terapia, a pessoa é vista como um ser relacional, um ser em processo de devir, em constante troca criativa com o meio. Desejos e necessidades do indivíduo assumem *dominâncias*, que são o movimento de uma tensão interna de se destacar proeminentemente formando uma figura, uma gestalt, que vai mobilizar a energia do organismo para sua completude. Quando estes processos requerem recursos do meio para sua realização, estas figuras despontam na consciência mobilizando as funções de contato do indivíduo, que são seu instrumental para ir ao encontro, sentir, avaliar e selecionar o que se encontra a sua volta.

O indivíduo organiza estas experiências de forma que orientem o tipo de contato que estabelece. Todo contato é potencialmente criativo, pois lida com o novo. Se estou na praia querendo nadar, o fato de já ter nadado antes me dá suporte para que eu entre no mar, me lance nas ondas e vá para longe da beira-mar, para onde as águas são mais profundas e “não-dá-pé”, mas o mar que está diante de mim é sempre novo e inesperado .

A pessoa então, através dos múltiplos e variados contatos que vivencia, cresce e desenvolve-se , idealmente assimilando o que o enriquece e nutre e alienando de si o que lhe é tóxico , respondendo às requisições , exigências e convites do meio num contínuo processo de ajustamento criativo. .Ajustamento criativo e contato são conceitos chaves na Gestalt terapia pois implicam não apenas em “ajustamento” mas em “ajustamento criativo” e não só em “contato “ mas em “contato criativo” .

O cliente que nos procura vem muitas vezes sentindo-se angustiado, ansioso, com uma sensação de vazio e falta de graça em sua vida, mas muitas vezes não tem realmente contato com o que lhe faz sentir-se assim. Ou se tem, não consegue mobilizar-se para agir de forma a atender à suas necessidades. Por exemplo, a pessoa pode sentir-se solitária mas, não conseguir ir em busca de um contato humano que lhe seja acalentador .

Quando isto acontece, a energia está provavelmente presa em situações inacabadas do passado, que são experiências antigas que ficam como forma fixas no presente, obstruindo o fluxo livre e criativo de percepção e resposta a situações novas , impingindo uma *avaliação arcaica* às situações atuais. Como se o indivíduo usasse um óculos que colorisse qualquer perspectiva presente ou futura com as cores das experiências passadas. Assim, no exemplo da pessoa solitária acima citado, experiências passadas doídas, negativas e frustrantes, podem estar revestindo de desesperança a perspectiva de qualquer movimento em busca de um outro.

Da mesma forma, defesas criativamente elaboradas no passado em resposta às avaliações acuradas de situações vividas, ao se repetirem automaticamente colocam a pessoa em permanente estado de prontidão, obstruindo o fluxo do sentir e impedindo a pessoa de vivenciar situações novas que poderiam ser nutritivas e enriquecedoras .Estas situações passadas freqüentemente estão parcial ou inteiramente fora do campo de *awareness* .São gestalts ocultas. A pessoa se relaciona com os outros sem vitalidade , a energia não está lá, mas bloqueada em situações passadas mal resolvidas , e por isso chamadas de inacabadas.

Quando a figura é opaca, confusa, sem graça, desenergetizada (uma gestalt fraca), algo está sendo bloqueado, alguma necessidade orgânica vital não está sendo expressa ; a pessoa não está ali inteira...( PERLS ; HEFFERLINE e GOODMAN, 1951, p.231-232).

A terapia vem então para ajudar a expandir o fluxo de energia e *awareness*, liberar a energia retida em situações antigas e inacabadas, trazendo-a para o aqui-e-agora, facilitando assim, através do suporte da relação terapêutica, a elaboração interna daquilo que antes não pode ser bem elaborado ,novas experiências , e a compreensão e eventual transformação dos padrões de relacionamento do indivíduo consigo próprio, com os outros e com o mundo.

Neste aspecto configura-se uma outra instância em que se situa a criatividade na Gestalt-terapia , ou seja, naquilo que se refere à sua prática e metodologia .A Gestalt terapia caracteriza-se, por excelência, por ser uma terapia que permite ao terapeuta inventar e/ou utilizar-se com liberdade e criatividade de técnicas e experimentos provindos de diversas origens ,desde que não se perca de vista os princípios epistêmicos fenomenológicos que caracterizam a abordagem gestáltica , os objetivos terapêuticos acima delineados , e a visão gestáltica de processo humano,o que inclui a compreensão de como se dão processos e distúrbios de contato , percepção e *awareness* .

Se Perls tornou certas técnicas populares, o terapeuta gestáltico não necessita obrigatoriamente utilizá-las, nem tão-pouco restringir-se a elas.Assim, o terapeuta gestáltico pode trabalhar com os experimentos de contato e *awareness* que se fizeram conhecidos nos trabalhos de Perls e outros gestaltistas da época , ou criar outros . Pode trabalhar com sonhos, visualizações, fantasias, mitos, contos, dramatizações ,exercícios de relaxamento e sensibilização corporal; atividades expressivas tais como dança, desenho, modelagem, poesia, experimentos de dinâmica grupal , de meditação - ou com nada disto.

Realmente a Gestalt-terapia , ao contrário do popularmente apregoado, não se caracteriza por técnicas específicas, mas sim por sua postura na relação terapêutica , por sua postura na eventual utilização de técnicas e experimentos, e na sua compreensão dos objetivos do trabalho terapêutico.

Concluindo, a relação da Gestalt- terapia com a criatividade se dá em três instâncias: na sua concepção existencial de ser humano, na sua concepção de saúde e funcionamento saudável, e na sua metodologia tendo como função da terapia ajudar a pessoa instalar ou restaurar um fluxo de interação criativa com o mundo e sua abertura para a vida.

## 2.6 QUESTÕES ÉTICAS NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

É fundamental a liberdade de escolha no cerne terapêutico. A Gestalt-terapia centra a *awareness* da experiência imediata e os valores que emergem da relação terapêutica. Existe uma forma subjetiva diante da experiência de se revelar. Deste modo, no momento da terapia é importante que o terapeuta fique atento no relato do cliente sem fazer julgamento ético com relação ao cliente.

Trata-se de uma postura livre que valoriza a relação dialética do encontro terapêutico. A ética situa-se no processo que se desenvolve na psicoterapia e não no conteúdo.

É indispensável que o terapeuta dispa-se de preconceitos que favoreçam o aparecimento da individualidade, sempre, em uma relação de trocas e sem julgamentos.

Deve partir sempre de um saber espontâneo; todo homem deve saber que há ações que não devem ser praticadas e outras que têm que ser praticadas. No contexto da história atual é que se busca o significado de ética e moral, com suas particularidades. É indispensável ter claros os limites éticos do terapeuta e estar atento aos seus limites na relação para não ultrapassá-los. (CHAGAS, 2006).

Os avanços da ciência permitiram o aceleramento desenfreado das múltiplas possibilidades de intervenção junto ao homem, no campo da biologia, da medicina e das áreas da assistência à saúde. Com o advir da Bioética, o homem assume-se como epicentro na tomada de decisões, reconhecimento de si como objeto de um sujeito – isto justifica a necessidade de normas avançadas que compreendam a dimensionalidade assumida pelo homem – e ainda, questões que contemplem a ética do comportamento sobre a vida e os “novos” mecanismos de relação, estabelecidos para a garantia e manutenção desta.

A atuação do psicólogo na promoção da saúde mental que trabalha com a subjetividade e o psiquismo humano abre indagações que contornam a ética profissional, a bioética em suas atuações. O ser ético é o respeito ao cliente, o respeito consigo próprio, a atenção e o respeito aos próprios limites. Saber olhar o outro e respeitar a sua direção, sendo apenas um facilitador no processo do outro. A ética está na relação, seu objeto está constituído por um “jeito humano”, a saber, os atos conscientes e voluntários dos homens, grupos sociais ou ainda a sociedade como um todo. Entretanto, não ser ético, é atender uma pessoa oprimida de acordo com a necessidade do opressor, atender o outro com uma opinião já formada ou acatando o rótulo imposto ainda que isto tenha o aval da sociedade ou de

princípios pré- estabelecidos. Não respeitar a questão do sigilo, que principalmente em um grupo, deve ser sempre lembrado. (CARDELLA, 1995)

O psicólogo, por meio de uma visão crítico-reflexiva, percebe as responsabilidades ético-profissionais do ser psicólogo. A Gestalt-terapia recupera e amplia o sentido da ética real, sem disfarces para a situação atual, presente no momento da psicoterapia, por meio de interações clínicas baseada na descrição fenomenológica às experiências na fronteira do contato, através da função ego, com o objetivo de dissolver a inibição reprimida (função Id) através da *Awareness* da ação (fuga do ego), criando novas formas de ajustamento que amplia o fundo de personalidade.

Na prática clínica, o que importava não era o julgamento do certo ou errado, mas a relação de confiança que se estabelecia pouco a pouco com o cliente. Era a forma como o cliente falava algo, poder contatar novidades no aqui e agora, tanto no ato de falar como na ação manifesta. Sem julgamentos de valores, deixar a ética focada no processo que se desenrola na psicoterapia e não no conteúdo. A relação ética estabelecida visava respeitar o conteúdo trazido pelo cliente e as sua prioridades.

Para valorar uma postura dialética da relação, funcional e benéfica para o cliente, é importante que o terapeuta dispa-se de preconceitos, de modo a favorecer que a individualidade do cliente apareça sempre em uma troca, porém, sem julgamentos. As implicações éticas da vivência em sociedade sempre ocorrem com o outro e a serviço como meio de crescimento do próprio cliente. A GT sempre focaliza a *awareness* da experiência imediata e os valores que emergem da relação terapêutica, sendo que o cliente e o terapeuta existem em um só sistema self, num campo único. Assim, ambos são capturados pelos seus co-dados que se mostram a partir do outro para que ocorra o processo de crescimento em ambos.

### 3 O GESTALT-TERAPEUTA E O MITO DO CURADOR FERIDO



Figura - O Mito do Curador Ferido  
Fonte: Site: [www.ed-dolmen.com](http://www.ed-dolmen.com)

Inicialmente, transcrevemos, como fundo de reflexão, O Mito do Curador Ferido, de origem grega:

Na mitologia grega, Quíron era um centauro, metade homem-metade cavalo, filho da união entre o deus grego Cronos (Saturno), que tomou a forma de um cavalo, e uma mortal, a ninfa do mar Filira. Era neto de Urano (Céu) e Gaia (Terra), meio-irmão de Zeus (Júpiter). Rejeitado pela mãe, horrorizada com sua aparência, abandonado pelo pai, a rejeição parental

foi sua 1ª ferida. Foi acolhido e educado por Apolo (Sol) e Artemis (Lua) e recebeu deles os ensinamentos que o tornaram um grande sábio; estudou uma ampla variedade de assuntos desde artes, música, poesia, filosofia, lógica, ciência, ética, artes marciais, artes divinatórias e profecias, incluindo Astrologia. Seu lado animal deu-lhe sabedoria terrena e proximidade com a natureza, conhecendo as propriedades medicinais das ervas, ele praticava a cura e a naturopatia. Sua fama como sábio espalhou-se e tornou-se um mestre e educador para muitos filhos de deuses e mortais, iniciou terapeutas, músicos, magos e guerreiros, incluindo Orfeu, Asclépio, Hércules, Jasão, Aquiles. Acidentalmente ferido na coxa, por Hércules, um de seus alunos, com uma seta envenenada com o sangue da tenebrosa Hidra de Lerna; o veneno era tão potente que fez uma ferida incurável, até mesmo para a medicina de Quíron. Não morreu por ser um imortal, mas sofreu terrivelmente, até que através de um pacto com o titã Prometeu. Quíron renunciou a sua imortalidade, tomando o lugar de Prometeu e descendo ao Hades e assim ambos libertaram-se de seus sofrimentos.

Quíron foi tirado de lá e então transformado por Zeus na constelação do Centauro, em reconhecimento às suas muitas realizações positivas e, para desta posição elevada poder ser uma inspiração visível para toda a humanidade. (BRANDÃO, 2000).

Encontramos ainda, o mito de Asclépio/Quíron, onde Asclépio, filho de Apolo, deus da medicina, foi criado/educado por Quíron, que possuía uma ferida incurável na sua pata traseira - sua metade animal. Devido à sua “ferida” vivia a pesquisar ervas, passando então a ter um conhecimento enorme das ervas e da dor. Além do que vivia numa ilha repleta de ervas medicinais. Ou seja, aprendemos que existem sim feridas incuráveis, e que aquele que cura conhece a doença em si.

A mitologia oferece na compressão do mito o quanto o terapeuta precisa estar em relação com suas feridas já que só o ferido, cura. Assim, somente podemos acreditar naquilo que teve efeito em nós. Deste modo, teremos que ter olhado para as nossas “feridas” (GROESBECK, 2000).

### 3.1 A POSTURA DIALÓGICA E O ENCONTRO TERAPÊUTICO

A postura dialógica é um compromisso com a experiência concreta da vida, um envolvimento com a totalidade do Ser. Também um maior comprometimento com o valor inerente do processo ontológico do encontro Eu-Tu e Eu-Isso. Além disso, uma atitude em

relação à existência humana relacional no processo terapêutico. Um vínculo de responsabilidade pelo encontro como fator principal na atitude existencial. Partindo de uma presença autêntica e plena, chega-se incondicionalmente ao ser humano em toda a sua alteridade.

A psicoterapia gestáltica combina o diálogo e a fenomenologia como metodologia clínica, para tanto, entender esta metodologia requer a compreensão de alguns conceitos como: a fenomenologia, a *awareness awareness*, o fazer contato, o relacionamento existencial, a regulação organísmica e a terapia.

Segundo Buber (1965) apud Hycner, (1997).

A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre Eu e o Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que se passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro.

A psicoterapia dialógica trouxe uma riqueza não só na linguagem, mas principalmente na postura, em que a credibilidade no humano é aplicada e alcançada. Trata-se aqui de uma atmosfera de redenção ao Ser em sua alteridade. Isso requer admiração frente ao outro, confirmando suas polaridades desafiando seu self escondido e expondo com isso o próprio self do terapeuta.

A postura dialógica é basicamente desenvolver uma postura relacional. A atitude relacional das polaridades Eu-Tu e Eu-Isso. É agir sintonizado na busca de uma mutualidade de contato e assim permitindo que se instaure o processo de cura. O gestalt terapeuta deve agir e manter uma atitude genuinamente relacional, onde o contato é a base terapêutica.

A existência humana é relacional, e partindo deste princípio, é de fundamental importância que a postura do terapeuta seja relacional. Não há possibilidade de encontro dialógico sem que haja uma postura dialógica por parte do terapeuta. É preciso sentir verdadeiramente a relação EU-TU e tudo o que isso implica, ou seja, estar disponível, presente, aceitar, confirmar, confrontar a pessoa singular diante de nós com uma atitude de interesse e interação.

O EU-TU envolve um verdadeiro encontro, um momento em que o próprio ser envolve-se unicamente com o outro ser. É necessário abandonar a segurança do próprio self para se disponibilizar ao outro. Num mergulho profundo no outro, se aceita e confirma o

outro em sua alteridade. Sem garantias, podemos apenas manter uma atitude dialógica para o encontro genuíno, e com isso estar à serviço do outro. Em hipótese nenhuma o encontro dialógico pode ser forçado, mas deve ser possibilitado pelo movimento do terapeuta em direção ao paciente. (BUBER, 1974)

Conforme Cardella, (1994) a presença terapêutica reside em :

- Ser autêntico.
- Dispor do seu próprio self para um verdadeiro encontro terapêutico.
- Estar inteiro, disponível para o outro sem pressupostos.
- Criar um momento fértil.
- Estar atento ao outro e a si mesmo.
- Reconhecer meus sentimentos (defensivos).
- Se permitir ser mobilizado

Segundo Yontef (1998, p.146-150) as características do diálogo em uma relação terapêutica consiste em: Presença, confirmação e inclusão.

A Presença acontece em um verdadeiro encontro entre duas pessoas ao compartilhar significados uma com as outras em um transporta-se até a fronteira com a outra pessoa. Já a Inclusão por sua vez é o ato de entrar no mundo do outro sem perder a sua própria awareness. É mergulhar profundamente ao apelo incessante do outro com toda a sua riqueza existencial. É se encantar visceralmente na melodia do inter-humano com toda a ação de risco que isso implica. É firmar um pacto profundo de fidelidade ao outro. Essa instigação atrevida de ir ao encontro do outro, incluir-se no mundo do outro e que pede toda uma mobilização de si mesmo naquele momento.

Simultaneamente é preciso experimentar, sentir o que o paciente sente e manter-se centrado nessa experiência .

A inclusão é um ir e vir ao encontro da existência humana, onde o mundo do outro é invadido, onde podemos verdadeiramente experimentar a experiência do outro em toda a sua extensão.

A Confirmação afirma e reconhece a existência humana sem restrições. Precisamos de aprovação pelo que somos e não apenas pelo que fazemos. A confirmação reconhece e afirma a existência dessa pessoa, mesmo que talvez seu comportamento atual seja inaceitável. “O ser humano precisa ser confirmado pelos outros, para se perceber como ser humano”. (HYCNER,1997).

Em todo o processo terapêutico, a confirmação é peça fundamental. É a partir dela que reconhecemos a pessoa única, singular, diferente de mim e seu comportamento distinto. Somos constantemente confrontados por nossas formações/deformações educacionais, Somos forçados a ir além de nossas vidas, de nossas histórias e confirmar esse ser humano em toda a sua alteridade.

A aceitação é o começo para uma autêntica confirmação. Na aceitação, podemos nos furtar de aceitar completamente uma parte ou partes de uma pessoa. Já na confirmação, aceitamos e reafirmamos o ser em toda a sua integridade. Abrimos mão de conceitos e preconceitos. Damos um passo à frente, capacitando os pacientes a abandonar antigos papéis, experienciando sua autenticidade. E a partir dessa experiência no consultório, ele se permite a vivenciar a confirmação em outras situações de sua vida. “Eu diria que toda relação existencial verdadeira entre duas pessoas começa com a aceitação” (BUBER, 1974). O terapeuta tem a tarefa constante de se deparar com as suas próprias questões não resolvidas. Possui também as suas feridas e acredita que só com a “posse” delas pode lidar com as suas próprias dificuldades, lidando com essa profissão tão difícil, e ao mesmo tempo tão encantadora. O terapeuta deve lutar incessantemente para trazer suas feridas para o espaço da terapia, sem que a cura de seu próprio self seja o foco. Na verdade, é esta a luta que desenvolve o self do terapeuta. (HYCNER,1997).

A Inclusão é a forma mais suprema de consciência do self e do outro. Ela busca a experiência o mais próximo o que o cliente experienciou sem perder o próprio centro. È o movimento de ajustamento criativo confluyente saudável.

Existe uma herança psicológica onde a dialética é o tema central de qualquer terapia. Numa postura relacional passa-se por essas duas vertentes, onde o dialógico é o grande foco. Sendo a dialética uma postura, uma atitude do Eu-Isso, é comum sua presença num primeiro momento da terapia, até que se possa atingir verdadeiramente uma postura dialógica e, ao mesmo tempo de uma forma paradoxal é a postura do terapeuta que já se mostra disponível para um contato interpessoal-dialógico.

A função terapêutica com relação ao cliente e suas polaridades é facilitar o resgate daquilo que ainda está vivo nele, encorajando-o a vivenciar a amplitude de forças internas que lhe pertencem. Por outro lado, não se pode perder de vista que, às vezes, as pressões e cargas negativas do meio são tão fortes que a pessoa desenvolve defesas que terminam por limitá-la em sua existência aprisionando muitas vezes, nas polaridades enfatizando a importância da "awareness" e do contato.

Perls e seus demais seguidores reconhecem este ciclo de contato, ou curva organísmica como um dos pontos-chave da teoria e abordagem gestáltica, tanto as necessidades fisiológicas quanto as psicológicas rondam e perfazem quaisquer experiências do ser humano, num processo de homeostase. Este processo homeostático se caracteriza por um "jogo contínuo de estabilidade e desequilíbrio no organismo" (PERLS, 1988, p.20),

Entretanto, para atingi-lo, não há como pensar no indivíduo isoladamente, mas sim, em constante relação com seu ambiente. É daí que surge o próprio conceito de ajustamento criativo onde, a partir deste relacionamento organismo-meio, a pessoa entra em contato responsabilmente, reconhece e conduz (de maneira bem sucedida) a sua vida e toma a responsabilidade para criar condições vantajosas para o seu próprio bem-estar.

É importante realçar também que a pessoa pode se ajustar, porém, dentro de uma conformidade com padrões externos e isto invalida a noção de criatividade. Contudo, quando estas formas de ajustamento disfuncional aparecem entre o indivíduo e seu meio são interrompidas e perdem a capacidade de transformar a situação em busca de satisfação, diz-se que este ciclo apresenta bloqueios em sua dinâmica. O grande desafio do trabalho gestáltico é justamente identificar onde e como estes estão acontecendo, a fim de resgatar um "diálogo com nossos problemas, reintegrando-os para iniciar um processo de cura" (HYCNER, 1995, p.139).

Este fato, se olhado do ponto de vista saudável, revela um pedido de resgatar "as próprias coisas"; de se sentir singular, possuidor de uma história que extrapola a realidade hospitalar. Nesse sentido, percebe-se uma mobilização de energia que prima por satisfazer uma necessidade emergente.

Enfim, a meta a que se deseja atingir é justamente mostrar que, separadamente, o que é saudável e o que é disfuncional podem guardar prejuízos e benefícios ao ajustamento criativo do indivíduo, na medida em que ficarem ou não cristalizados numa só polaridade, respectivamente. Entretanto, ao serem olhados como uma totalidade, a nível processual e dinâmico, podem ampliar a gama de facilidades perceptivo-sensoriais do indivíduo, favorecendo uma melhor qualidade do diálogo entre ele e seu mundo, numa constante busca de auto-regulação organísmica.

A Gestalt-terapia, fundamentada na relação entre paciente e terapeuta, abre possibilidades para "cuidar" e resignificar o estado disfuncional, possibilitando um transitar do paciente pelas polaridades, entender o seu significado este processo, favorecendo no encontro com suas potencialidades, a fim de desatá-los. Para isto, a proposta gestáltica é a de incentivar o auto-suporte, no sentido de que cada paciente se responsabilize e escolha o que

quer fazer ao se perceber do lado saudável nesta pessoa, capaz de ser descoberto na medida em que o indivíduo puder vivenciar suas emoções polares em meio a este processo.

Enfim, estar disponível a traçar um caminho, a ser presença no diálogo relacional, pelo encontro na relação terapêutica resgatando o empenho e criatividade, numa construção, onde paciente e terapeuta tecem um caminho possível, fazendo do adoecer uma experiência transformadora. Todavia, na Introversão ou “Fuga do encontro” o paciente se isola, permanecendo com seu self atrofiado. Ao olhar a história dessa pessoa, pode-se encontrar diversas tentativas relacionais frustradas. Os riscos para um encontro Eu-Tu são por demais ousados para ela. É preciso se economizar. Para ela, as pessoas de um modo geral não são confiáveis e a única opção que lhe resta é fugir desses encontros e preservar sua identidade. Sabemos que o contato é peça básica para qualquer desenvolvimento e ao contrário, abre-se um espaço para a neurose. É preciso confiar no potencial humano, considerar toda a abordagem gestáltica nesse contexto: a totalidade, a presentificação, auto-regulação orgânica e a teoria de contato.

Nesse sentido, por mais conhecimento e experiência profissional que o terapeuta tenha, necessita sempre estar refletindo sobre a sua prática profissional num eterno recomeçar. A experiência humana apresenta uma forma da condição humana, as vezes desconhecida, única, singular, surpreendente a cada encontro com o outro em uma verdadeira transformação. Nossas certezas, muitas vezes, nos causarão dúvidas e a cada novo cliente, que nos mostrará nossos desafios, pontos cegos, resistências, dificuldades e feridas internas.

Na Gestalt-terapia o terapeuta busca a compreensão do cliente baseado no que é óbvio ou revelado pela situação mais do que na interpretação do observador. A investigação fenomenológica que segue neste, permite uma descrição cada vez mais clara e detalhada do que é, e deixa de enfatizar o que deveria ser.

Conforme Schillings et al, ( 2007, p.98) “No trabalho terapêutico em gestalt-terapia, o foco não é buscar o significado para o comportamento atual ou resgatar o passado,mas sim de produzir um ajustamento criativo na situação presente”.

Nesta perspectiva, a *awareness* baseia-se em três pontos:

- a *awareness* só é eficiente quando fundamentada e energizada pela necessidade predominante presente no organismo;
- não é completa sem o conhecimento direto da realidade da situação e como se está nela;
- é sempre aqui e agora, mutante, se desdobrando e se transcendendo continuamente.

Assim, para que o experimento tenha êxito é básico a relação terapeuta- cliente, resgatar tanto o conectar como o separar.

Para Perls o processo “Eu-Tu” na relação terapêutica, segue o existencialismo dialógico que preconiza o envolvimento da pessoa completa e intensamente com outra pessoa ou com a tarefa que esteja por perto. Um relacionamento terapêutico desenvolve-se quando duas pessoas, cada uma com sua própria existência e demandas pessoais, fazem contato reconhecendo e permitindo as diferenças entre si. Para isto, requer que a pessoa tenha delineado a capacidade de sentir a necessidade da realidade externa, assim como suas próprias necessidades, sentimentos e, então definir qual o experimento que é cabível. Para isso, requer a conexão entre self interno verdadeiro e o aspecto externo do campo indivíduo/meio.

Atualmente, percebe-se que na relação dialógica estabelecida com os clientes é indispensável adotar na relação terapêutica a postura de incluir-se, presentificar-se, aceitar e confirmar uma pessoa é, antes de mais nada, um ato de amor incondicional, e é tudo o que se precisa para se restaurar um self adoecido.

Segundo Hycner (1995) uma postura passiva e de espera por parte do terapeuta, leva conseqüentemente a uma postura dogmática que poderá chegar a uma conclusão equivocada, de que há uma resistência intransponível por parte do paciente. E aí se estabelece a dúvida de quem está resistindo, o paciente ou o terapeuta. Acredita-se também ser de vital importância, assim como esperamos dos pacientes, uma tolerância à frustração. É um exercício contínuo que requer atenção, entrega e um verdadeiro cuidado pelo outro que requer sobretudo estar inteiro, orientado para o aqui-e-agora, consagrando um momento de sua concretude existencial. Entretanto, ao mesmo tempo que uma certa vulnerabilidade torna o terapeuta mais aberto, um excesso de “feridas” pode trazer à tona suas defesas e fechar as portas para a possibilidade de um encontro genuíno.

O autor afirma que é preciso receber essa pessoa “ferida” com a disponibilidade possível, com o próprio “curador ferido”. A Introversão coloca o processo terapêutico diante de fronteiras rígidas. Não para serem rompidas, mas sim vivenciadas. O aspecto mais importante é a construção de uma identidade relacional por parte do terapeuta. Uma postura verdadeiramente dialógica. Não como um sistema dogmático, mas antes de tudo, como desenvolvimento de uma postura de interesse legítimo pelo outro, como parte integrante do processo terapêutico. Sem dúvida, o terapeuta precisa assumir-se como o próprio instrumento na relação terapêutica, comprometendo-se com o encontro inefável que se caracteriza na exploração da ontologia do Eu-Tu e Eu-Isso e os conceitos da abordagem gestáltica. Aspectos indispensáveis no verdadeiro encontro terapêutico da relação profissional.

Para Hycner o curador ferido”, apesar de paradoxal, é outra ponta importante da postura dialógica. É o instrumento terapêutico mais precioso que um terapeuta pode possuir, mas como o próprio autor adverte, deve ser moldado constantemente pela experiência terapêutica e pela própria vida.

Ir ao encontro das feridas de seus pacientes e esbarrar com as suas próprias feridas, nem sempre é uma tarefa fácil. É preciso manter suas feridas presentes para que possa se sensibilizar com as feridas do outro. Ao mesmo tempo é importante frisar que um excesso de feridas pode impossibilitar um autêntico encontro dialógico, abrindo com isso bloqueios de contato. O foco e a figura na terapia continua sendo o paciente e qualquer processo de cura por parte do terapeuta torna-se apenas uma consequência. Esse espaço único do “entre” torna-se, mais uma vez, um momento mágico, onde o self do terapeuta expande mais seu desenvolvimento. (HYCNER, 1995)

Contudo, o que se torna paradoxal são exatamente as nossas situações inacabadas, que nos permitem compreender as dificuldades que sofrem os clientes. Na maioria das vezes, na formação acadêmica, somos orientados a percorrer um caminho vertical, onde muito pouco ou nada, de nossas feridas pode ser utilizado no processo de cura.

### 3.2 A RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA GESTAL-TERAPIA

Na psicoterapia de abordagem gestáltica, a meta é que a pessoa venha a conseguir estabilizar sua própria vida, tomando suas próprias decisões e efetuando escolhas que atendam as suas reais necessidades. Logo, partimos do princípio que em cada pessoa existem as condições necessárias para alcançar o melhor aproveitamento de sua vida. Os terapeutas, profissionalmente, possuem uma trajetória complexa, onde nos deparamos com nossas próprias feridas, com o próprio “curador ferido”. A Abordagem Dialógica propicia a cura através do Encontro Eu-Tu, na prática da Gestalt-terapia. Por meio da exploração do cenário dialógico, o trabalho promove uma reflexão da dimensão da profissão integrando a “pessoa” do terapeuta, permitindo-o a refletir sobre os seus atendimentos e de como esses encontros e desencontros acontecem.

Outro aspecto importante, é a supervisão no processo de formação do terapeuta que deve estar a serviço dele, perceber seus clientes e ser percebido ao mesmo tempo em seu trabalho por outro terapeuta, podendo se “dar conta” de seus “pontos cegos”, ou diferentes

formas de trabalho, já que terapeutas mais experientes tem uma experiência diferente a ser compartilhada. Assim, ser terapeuta requer o estudo e troca contínua, uma constante reflexão de si mesmo, sobre aquilo que se é.

Para os Gingers (1995, p. 145) um dos pontos fundamentais que caracterizam a gestal-terapia é que o terapeuta e seu cliente são companheiros envolvidos em uma relação autêntica e dual. O Gestal-terapia não se atém ao sintoma trazido pelo cliente e nem tampouco o ignora ou o supervaloriza, aprisionando se por ele. Vai além, explorando-o, percebendo-o em conjunto com o seu cliente numa relação de simpatia. O terapeuta está como pessoa em um a relação presente do “EU/TU” com o cliente. O terapeuta estimula a Awareness do seu cliente e sua inter-relação com o meio. Ele está centrado no cliente, não é neutro, vivencia “uma autenticidade seletiva, num envolvimento controlado: interveniente e ‘ativo’. No entanto, não ‘diretivo.’”(p.146)

O autor descreve ainda, o papel do terapeuta como proporcionar a conservação da própria alteridade do cliente. Utiliza a expressão “catalista” emprestada da química empregando-a no sentido clássico dos corpos químicos catalizadores em um sentido, da superfície para a profundidade que apresenta as características principais:

Ele acelera e amplia as reações com sua presença; Ele age por intervenção em doses muito tênues; Ele não desloca o equilíbrio interno, mas apenas permite atingi-lo mais rapidamente; Seu poder está fortemente ligado a seu próprio estado físico; “esse catalista não pode ser definido em si; aliás, não mais do que o cliente: todas as suas reações estão ligadas às interferências dos dois, e a *awareness* do terapeuta não objetivará nem um nem o outro parceiro isoladamente, mas o ‘espaço transacional’ que os separa e os une, suas interações em rede, nos cinco níveis: corporal, emocional, intelectual, social e espiritual ( ou “ transpessoal”), numa abordagem sistêmica que privilegia o conjunto: terapeuta-cliente-em seu-meio-próximo-e-global. (GINGERS 1995, p. 146)

Segundo Robine (2006) ao descrever a relação terapêutica ressalta que como psicoterapeuta é fundamental restaurar a criatividade do paciente, reconhecer sua capacidade de criar. Ser terapeuta é também poder criar sua arte e ao mesmo tempo permite que o cliente descubra o seu potencial de criação.

Neste sentido, Robine, (2006,p.43) afirma:

A psicoterapia preocupa-se com a mudança; o campo da relação terapêutica será, portanto, o campo do desdobramento de uma estética da mudança. Nossas ações, nossas intervenções terapêuticas, nossas “criações” portanto, certamente serão específicas e originais. Cada um de nós cria “sua” arte no campo da gestalt-terapia.

A Gestalt-terapia baseia-se na noção de contato. O ser humano é fundamentalmente contato. O encontro terapêutico é um encontro de intencionalidades que se solicitam uma à outra e, desse modo, afinam-se mutuamente o poder criativo existente em cada um. O ajustamento não saudável seria então a recorrência crônica de funcionamento patológico, com a conseqüente cristalização das dificuldades da pessoa e empobrecimento de seus contatos com o mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do Gestalt-terapeuta na contemporaneidade é uma tarefa humana que exige estudo, vocação, dedicação, empatia e principalmente consciência de si enquanto “curador ferido” que requer a aceitação da vulnerabilidade básica do homem como terapeuta.

No decorrer de minha formação e do percurso profissional, o ensino, a pesquisa tem sido uma tarefa desafiadora na medida que me impulsionam para o contato com o novo, com diferentes formas de me perceber e perceber o outro, norteadas por teorias, métodos e práticas em Gestalt-terapia presentes no decorrer deste estudo.

O caminho percorrido por este trabalho evidencia que alguns autores vêm expondo a necessidade de reconhecer a relação terapêutica como parte fundamental, integradora no processo de psicoterapia e no “dar-se conta” das potencialidades, possibilidades, ajustamentos e cura inerentes ao processo terapêutico da Gestalt-terapia.

Compartilho com as idéias de Ginger (2007, p.41) ao afirmar que “ a formação de um Gestalt-terapeuta inclui “uma psicoterapia pessoal, uma formação básica e uma prática supervisionada”.

Os terapeutas possuem uma trajetória complexa, onde nos deparamos com nossas próprias feridas, com o próprio “curador ferido”. A abordagem dialógica propicia a cura através do encontro Eu-Tu, na prática da Gestalt-terapia que através do cenário dialógico promove uma reflexão da dimensão da profissão, integrando a “pessoa” do terapeuta permitindo-o a refletir sobre os seu atendimentos e de como esses encontros e desencontros acontecem.

Outro ponto importante é a supervisão no processo de formação do terapeuta que deve estar a serviço dele, perceber seus clientes e ser percebido ao mesmo tempo em seu trabalho por outro terapeuta, podendo ter Awareness de seus “pontos cegos”, ou diferentes formas de trabalho. Assim, ser terapeuta requer o estudo e troca contínua, uma constante reflexão de si mesmo, sobre aquilo que se é.

A relação terapêutica à luz da Gestalt-terapia, conforme Perls nos ensinou, mostra a necessidade de perceber o cliente em sua totalidade e nos percebermos enquanto terapeutas seguindo a visão do homem como um organismo vivo, a soma total das percepções, dos pensamentos e de um corpo.

Também, a importância de inserir na relação terapêutica o contexto, o campo, a totalidade na compreensão de um fenômeno e não adotar uma visão fragmentada do cliente.

Propiciamos, assim, a possibilidade do terapeuta simbolizar o si mesmo do cliente incompleto e resgatar a conexão primordial com ele mesmo e aos outros restaurando a sua própria história no presente.

Neste sentido, Perls afirma: “o homem não percebe as coisas isoladas e sem relação, mas organiza no processo perceptivo como um todo significativo”. (PERLS,1977, p.18)

Espera-se que este trabalho contribua para um melhor entendimento da relação terapêutica na perspectiva da Gestalt-terapia, como também nos fundamentos teóricos que permeiam a prática clínica nesta abordagem que nos leve a constantes reflexões e questionamentos da relação terapêutica em nossos consultórios como um o fio condutor capaz do bom andamento no processo do tratamento clínico, evidenciada na necessidade da construção de um saber sólido e consistente na formação do Gestalt-terapeuta.

Finalmente, gostaria de concluir dizendo que existem formas da relação terapêutica ser um campo fértil para um encontro transformador que possibilite abertura para a vida. Nesse sentido, o cliente e o terapeuta fazem contato com sua totalidade, essência e sua forma singular de estar no mundo possibilitando o acesso mútuo ao crescimento e desenvolvimento da criatividade e espontaneidade.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Volume II. Petrópolis: Vozes. 2000.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 1974.

CARDELLA, B.H.P. **A construção do Psicoterapeuta na atualidade**. pp.109-117. Revista da abordagem gestáltica ,Vol.XII- Nº 2 Jul./Dez. 2006. Goiânia –ITGT.

\_\_\_\_\_. **O Amor na relação terapêutica**. São Paulo. Summus,1994.

\_\_\_\_\_. **A construção do psicoterapeuta**. São Paulo. Summus, 2002.

FAGAN, J.; SHEPHERD, I. **Gestalt-Terapia**. Rio de Janeiro: Zahar.

FRAZÃO, LILIAN. **Pensamento Diagnóstico em Gestalt terapia**. São Paulo: Revista Insight. 1991.

\_\_\_\_\_. **Pensamento Diagnóstico Processual-** uma visão Gestática de Desenvolvimento. Goiânia: II Encontro Goiano da Abordagem Gestática.

FUKUMITSU, K. O.; ODDONE, H.R.B. **Transtornos Alimentares: Uma Visão Gestáltica**. São Paulo. Livro Pleno, 2007.

GHAGAS, E. **A Ética na Psicoterapia: Um Enfoque Gestáltico**. pp.137-141..Revista da abordagem gestáltica ,Vol.XII- Nº 2 Jul./Dez. 2006. Goiânia –ITGT.

GINGER, S. E A. **Gestalt**. A arte do contato. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gestalt – Uma terapia do contato**. SP: Summus,1995.

GROESBECK,C.J. **A Imagem Arquetípica do Médico Ferido**. IN: Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.

\_\_\_\_\_. **De Pessoa à Pessoa**. São Paulo: Summus, 1991.

YONTEF, G. (1998). **Processo, diálogo e Awareness**. São Paulo: Summus.

STEVENS, JOHN. **Isto é Gestalt**. São Paulo: Summus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Tornar-se presente**. São Paulo: Summus, 1997.

YONTEF, G. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. **El proceso creativo en la terapia gestáltica**. México, Editorial Paidós:

ZINKER, J. **A busca da elegância em psicoterapia**. SP: Summus, 2001.

- \_\_\_\_\_. E LYNNE J. **Relação e cura em Gestalt-Terapia**. SP: Summus, 1997.
- JULIANO, J. **A arte de restaurar histórias**. São Paulo: Summus, 1991.
- LIMA F.A. P. **O contrato terapêutico**. São Paulo: Summus. FAGAN, J. E. 2002
- LIMA F.A. P. **Gestalt e Sonhos**. São Paulo: Summus, 2002.
- OAKLANDER, VIOLET. **Descobrimos crianças**. São Paulo: Summus, 1980.
- PERLS, FREDERICK S. **Ego, fome e agressão**. São Paulo: Summus, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. RJ: Guanabara, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Gestalt –Terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.
- \_\_\_\_\_; HEFFERLIN; GOODMAN. **Gestalt –Terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- PIMENTEL, A.. **Psicodiagnóstico em Gestalt-Terapia**. SP: Summus, 2003.
- POLSTER, ERVING E MIRIAM. **Gestalt – Terapia integrada**. SP: Summus, 2001.
- PORCHAT, IEDA; BARROS, P. **Ser terapeuta -depoimentos**, São Paulo: Summus, 1995.
- RIBEIRO, Jorge P. **Gestalt-Terapia: refazendo um caminho**. SP: Summus. 1985.
- RIBEIRO, Walter. **Existência - essência**. São Paulo: Summus. 1998
- ROBINE, J.M. **O Self Desdobrado. Perspectiva de campo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2006.
- SHEPHERD, I.L. **Gestalt-Terapia - Teoria, Técnicas e Aplicações**. Rio De Janeiro: Zahar, 1980
- SPANGENBERG, A.(2004); **Terapia gestáltica e a inversão da queda**. Livro Pleno.
- STEVENS, Barry (1970); **Não apresse o rio ele corre sozinho**. SP: Summus.